



O pensar historicamente e a Didática da História: construção de ideias históricas cada vez mais complexas por alunos da rede pública estadual paulista (2012-2014).

DANIEL VIEIRA HELENE¹

Realizamos com 55 alunos do Centro de Estudar Acaia Sagarana², egressos do Ensino Médio de escolas estaduais da cidade e São Paulo, divididos em duas turmas anuais, uma atividade cujo objetivo era diagnosticar como pensavam a história territorial brasileira e o "começo" do Brasil. Tal atividade foi proposta a eles como a segunda de uma sequência didática em torno do processo de Independência. Antes disso, no Sagarana, os alunos não haviam ainda estudado história do Brasil. Esta segunda atividade consistia de duas perguntas, sendo a primeira: *“Existe um momento em que o Brasil ‘começa a existir’? Que momento seria esse? Explique.”*

Dos trinta e dois alunos que realizaram esta atividade no primeiro ano, dez afirmaram que algum evento do século XIX marcava a origem do Brasil: sete apontaram a Independência como momento inaugural; outros dois destacaram a proclamação da República e ainda um aluno afirmou que *“talvez o Brasil tenha ‘começado a existir’ quando a escravidão foi abolida e quando o Brasil começou a crescer economicamente.”* (Leticia). Quatro alunos escreveram respostas que não nos permitem formar agrupamentos, já que fazem menção a acontecimentos ou a concepções bastante diversos. É o caso da resposta de Camila:

“Quando o território esta definido, ou seja, quando suas fronteiras são delimitadas começa a surgir um Brasil. Os Bandeirantes tiveram papel fundamental nesse contexto. Porém um identidade de 'Brasil', nação pode se concretizar com a criação de hino nacional e bandeira.”³

Camila revela consciência de que “o Brasil” (aliás, notadamente sua realidade territorial) tem uma história, ou seja, passou por um período de formação, para o que concorreram alguns acontecimentos, entre os quais as expedições bandeirantes. Interessante

¹ Doutorando do Programa de História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Daqui em diante, "Sagarana".

³ As respostas dos alunos transcritas ao longo do trabalho estarão sempre o mais próximo possível daquilo que eles escreveram, ou seja, quando em suas respostas eles tiverem cometido erros de concordância, de ortografia ou de qualquer natureza, esses erros estarão reproduzidos na transcrição. A ideia, com isto, é o leitor possa se aproximar ao máximo daquilo que os alunos efetivamente escreveram e não daquilo que pensamos que eles tenham querido dizer.

2

observar também que a aluna fala em “território *definido*” e “delimitação de fronteiras” como processos que ocorrem antes do que denomina “surgimento do Brasil”, o que, por sua vez, ela relaciona com a identidade, com a nação. Trata-se de uma resposta bastante sofisticada e não muito comum no universo de respostas recebidas.

Outras duas alunas registraram respostas que evidenciam concepções importantes de serem ressaltadas. Uma delas é Taís: *"O Brasil começa a existir no momento em que os índios são reconhecidos, como os primeiros habitantes do Brasil."* Nesta resposta, cumpre destacar a menção aos "índios", algo que aparece em apenas sete das trinta e duas respostas. Também chamamos atenção para a afirmação de que os índios seriam os “primeiros habitantes do Brasil”. Não precisamos neste caso nos determos na análise do que a aluna *quer dizer*, mas sim no que ela acaba revelando, mesmo que sem plena consciência disso. Sua afirmação relacionada aos índios pode revelar uma concepção segundo a qual a realidade territorial está dissociada de uma identidade nacional específica, bem como de um Estado, ou seja, em última análise, não há exatamente uma *história* atribuída ao território. Segundo esta concepção, “o Brasil” teria sempre existido: mudaram os povos que habitaram essa porção de território que, tomado como entidade ontológica⁴, nunca deixou de ser Brasil.

Vejamos outra resposta:

"O espaço de terra denominado 'Brasil' pelos colonizadores sempre existiu, porém após a ocupação pelos europeus, esse território passou a ter um nome. Eu não sei dizer exatamente em que momento o Brasil passou a 'existir', mas acredito que tenham sido os padres jesuítas que determinaram isso." (Kamila)

Aqui, em vez de afirmar que o Brasil sempre existiu, a aluna ressalta uma diferença importante: “o Brasil” e a área territorial que ele ocupa são entidades essencialmente diferentes. Há que se chamar atenção para o destaque que a aluna dá ao ato de *nomeação* do território⁵. Isso também aparece, por exemplo, na resposta da aluna Carolina: *"O território que chamamos de Brasil existe há muito tempo, mas acredito que o nome tenha vindo dos colonizadores..."*⁶

⁴ Cf. CARRETERO, 2007.

⁵ É realmente surpreendente como essa atenção dada por Kamila (e outros alunos) ao ato de nomeação ecoa na análise empreendida por Benedict Anderson, no capítulo intitulado “Censo, mapa, museu”, a respeito do poder que estas instituições – especialmente o censo – tinham em fazer uma “categorização exaustiva e inequívoca” (p. 229), definir categorias de identidade, e sobretudo rotular populações e terras (Cf. ANDERSON, Benedict, 2008/1983/1991).

⁶ Ressalte-se que no enunciado da atividade não havia qualquer menção ao ato de nomeação do Brasil.

Por fim, treze alunos registraram respostas nas quais sustentaram que o Brasil começou a existir a partir do início da colonização.

No ano seguinte, vinte e três alunos entregaram ao professor esta atividade de volta⁷. Do conjunto de respostas deste segundo ano, dez (cerca de 43% dos alunos) definiram como “começo do Brasil” a chegada dos portugueses e o “Descobrimento”. Proporcionalmente, esse número foi muito próximo daquele do ano anterior (aproximadamente 40% das respostas). Vejamos inicialmente a resposta de Tatiane:

“Eu acho que o Brasil passou a existir a partir do momento em que os portugueses chegaram aqui, que foi por volta de 1500. Foi nesse instante que o Brasil ganhou notoriedade.

Quando os portugueses aqui chegaram só existia tribos indígenas, e um monte de florestas. E então os portugueses se viram na necessidade de colonizar o Brasil, impondo sua cultura (modo de se vestir, falar, comer, formas comportamentais), mataram diversos índios. Retiraram o que o Brasil tinha de mais valioso, e determinaram o nome Brasil através da árvore pau-brasil.

Dividiram os estados, capitais⁸ – e determinaram os estados onde se produzia (alimentos, roupas, coisas têxteis). Construíram cidades, casas, ruas – e isso tudo trouxe turistas, imigrantes para o nosso país, a partir desse momento o Brasil começa a existir para o mundo.”

Há muitos sentidos que podem ser explorados nesse texto. Primeiramente, destaque-se a relação que a aluna estabelece entre “começar a existir” e “ganhar notoriedade”, ou seja, passar a ser conhecido pelo mundo, o que acontece com a chegada dos portugueses e com a colonização. Podemos dizer que a ideia de que o Brasil teria sempre existido permeia as respostas de oito alunos, o que corresponde a cerca de 34% do total. Também vale a pena observar que Tatiane cita “tribos indígenas”, como alguns outros alunos fizeram. Ela

⁷ Esse baixo número em relação ao total de alunos da turma (trinta e quatro, em abril) pode ser explicado. Essa atividade precisava ser recolhida pelo professor, estudada (para a definição das etapas seguintes da sequência didática) e devolvida aos alunos com (poucos) comentários para que a utilizassem em atividades subsequentes. Apenas depois de todo esse trabalho é que o professor solicitou aos alunos novamente a entrega das atividades que haviam feito no início da sequência. Nesse processo, é provável que alguns deles tenham perdido suas fichas, ou se desfeito delas, ou apenas se esquecido de entregar, a despeito dos insistentes pedidos do professor.

⁸ Essa colocação parece novamente evocar a importância do *ato de nomeação*, mencionado por alguns alunos. Tratando da história argentina, Carla Lois observa que no *Atlas del Instituto Geográfico Argentino* de 1892, “*Con la sola excepción de la lámina de la Gobernación del Río Negro, todos los departamentos de las gobernaciones patagónicas llevan designaciones que ilustran la voluntad de imponer una nueva racionalidad territorial que hace tabula rasa del pasado indígena e impone criterios ordenadores nuevos y funcionales a la gestión estatal (e.g. ‘Departamento 1º’, ‘Departamento 2º’, etc., y ‘Departamento Capital’ y ‘Departamento Sud’).*” (LOIS, 2013: 11). Vertendo as análises de Carla Lois para o Brasil, é interessante observar que a aluna Tatiane parece “citar” em sua resposta o que seria *essa* intenção (fazer *tabula rasa* do passado indígena e impor novas divisões territoriais em acordo com os interesses da metrópole).

4

relaciona “tribos indígenas” a “florestas” e afirma que era “apenas isso” o que existia aqui quando da chegada dos portugueses. Estes, então, *precisaram* fazer uma série de coisas que, afinal, permitiram a criação do “nosso país”, da sociedade moderna.

Entretanto, a aluna afirma que uma das coisas que os portugueses tiveram que fazer antes desse momento em que o Brasil “começa a existir” foi retirar “o que o Brasil tinha de mais valioso”. Isto nos coloca um problema interessante que é parte do que estamos investigando: o que é, então, “o Brasil”, na concepção expressada por essa aluna e pelos demais? Em que medida essa noção de “Brasil” está mais atrelada a uma representação territorial do que a uma concepção de identidade cultural? De que forma participa (se é que participa) da análise que os alunos estão fazendo a criação do Estado brasileiro?

Chamamos a atenção para o fato de que Tatiane lista uma série de aspectos culturais que determinam o que ela concebe como Brasil: “modo de se vestir, falar, comer, formas comportamentais”, que ela define como tendo sido impostos pelos portugueses. Outro aluno que explorou um ponto de vista de ordem mais cultural (assim como Camila, talvez mais próximo da ideia de Brasil como identidade cultural, como nação, do que da concepção de Brasil como território ou como Estado), foi José. Ele construiu sua explicação, porém, por um caminho significativamente diferente:

“O Brasil começou a existir quando começou a existir o povo brasileiro. O povo brasileiro começou a existir quando os portugueses (colonizadores das terras conhecidas hoje como Brasil), africanos (trazidos pelos portugueses para trabalharem na colônia de Portugal) e índios (habitantes da colônia de Portugal) deixaram de si identificar como: portugueses, índios e africanos, ou seja, miscigenaram-se.

O Brasil cultural começou a existir, portanto, com a miscigenação do portugueses, índios e africanos. O Brasil político começou a existir com o reconhecimento de sua Independência como um país e não colônia.”

Para nossa análise talvez o que haja de mais importante em sua resposta seja a eleição autônoma e explicitada de um critério para determinar o que, para ele, é “o Brasil”. Ele determina, na primeira frase, a origem do Brasil como o momento em que “começou a existir o povo brasileiro”. O aluno cria expressões que definem para ele o que é propositalmente deixado ambíguo no enunciado da questão: “Brasil cultural” de um lado, “Brasil político” de outro. Mais do que isso, ele determina uma hierarquia entre essas duas noções: quando perguntado sobre a origem do Brasil, parece que o que veio primeiro à mente foi o povo, o “Brasil cultural”, fruto da miscigenação. Do ponto de vista cronológico, segundo a percepção

5

de José, isto também ocorre antes do surgimento do “Brasil político”, com a Independência, que ocupa, na hierarquia estabelecida por ele, um segundo lugar. Voltaremos à Independência em seguida, posto que ela evidencia uma concepção segundo a qual “o Brasil” está mais associado ao Estado do que ao território ou à nação. Vejamos, antes disso, outras respostas:

“O Brasil começou a existir a partir do momento em que começou a ser habitado. Esse momento ocorreu no período em que os povos indígenas foram habitando este território, ocupando os mais diversos locais, aumentando a sua família e sua população, gerando cada vez mais descendentes e ‘expandindo’ a cultura do primeiro povo brasileiro.” (Thalita)

Thalita também menciona os indígenas, mas trata sobretudo de uma ideia de início da ocupação do território, de “primeiro povo brasileiro” (o que ecoa a ideia de “surgimento do povo” de José, ainda que Thalita deixe de lado o mito das três raças). Ao focar em uma cultura, que seria a brasileira, e pontuar sua origem no mais ancestral habitante dessas terras, Thalita está revelando que concebe que o que determina que esses antiquíssimos povos fossem “brasileiros” é o fato de eles povoarem um determinado território. Para ela, “o Brasil” está muito fortemente atrelado à ideia de um território, assim como para Beatriz:

“O nome ‘Brasil’ só aparece depois da chegada dos portugueses a essa terra, mas esse território existe a milhares de anos, quando os primeiros homo sapiens chegaram aqui.

Pinturas rupestres, pedras lascadas, etc datam quando os primeiros humanos chegaram aqui e é daí que o Brasil começa a existir

Aqui já era aqui muito antes do ‘terra a vista’, no entanto, Brasil só começa a virar o que é hoje depois desse grito de Cabral.” (os grifos são da aluna)

Observe-se que para Beatriz o primordial é o território, tido como anistórico (porque dotado, de certa forma, de uma condição política atemporal). Graças a isto é que ela pode afirmar, concordando com Thalita, que os povos que habitaram aquilo que hoje é o Brasil eram “brasileiros”, independentemente de quando tenham vivido⁹. Dos vinte e três alunos do segundo ano, três citaram explicitamente os ocupantes ancestrais das terras que viriam mais tarde a ser conhecidas como território brasileiro. Essas manifestações nos remetem novamente

⁹ Esta concepção não está distante de certo “frenesi” em torno da figura de Luzia, muito disseminado na mídia em meio às comemorações de supostos 500 anos de Brasil, entre os anos de 1999 e 2000 (Cf. GASPARETO e SANTOS: 2009, 455-459). A mídia então apresentava Luzia como “a primeira brasileira”, como o fez a revista *Veja* na reportagem de capa de sua edição de 25 de agosto de 1999: Na capa, a manchete era “‘Luzia’, a primeira brasileira”; na Carta ao Leitor, sob o título de “Uma notícia de 11.500 anos”, o editor registrava: *Um dos destaques de VEJA nesta semana é uma notícia de mais de 100 séculos. É a reportagem sobre Luzia, a primeira brasileira de que se tem conhecimento nas pesquisas arqueológicas.*

6

à discussão suscitada pela resposta da aluna Taís da primeira turma: elas tomam o território (definidor da brasilidade daqueles que o habitaram) como uma entidade política atemporal, que sempre existiu. No primeiro ano, sete alunos mencionam os indígenas como “brasileiros” antes da chegada dos portugueses; no ano seguinte, esse número passa para quinze (correspondente a cerca de 65%). Em alguns casos, os alunos manifestam-se politicamente, colocando-se solidários aos indígenas e contra a dominação europeia:

“O Brasil não tem um momento em que ‘começa a existir’ sempre existiu. Já haviam habitantes nele antes de ser descoberto, os índios estavam aqui. O país não tem que existir se alguém com influência descobri-lo, sempre achei isso ridículo, o fato do Brasil só ser considerado após os portugueses chegarem nele.

Porque não os índios foram os descobridores? Porque só ser considerado um país em 1500? Por isso defendo o fato de que ele sempre esteve aqui, sempre existiu, mesmo antes do de ser descoberto pelos portugueses.” (Rayanne)

Rayanne deixa essa questão bastante clara. Ao dirigir sua irritação ao fato de o Brasil “só ser considerado um país em 1500”, ela explicita que em sua concepção o Brasil *deveria ser considerado um país antes de 1500*.

Cinco alunos relacionaram, nesta atividade, “o Brasil” a acontecimentos políticos do século XIX e, dessa forma, revelaram compreender que “o Brasil” do enunciado relacionava-se primordialmente ao Estado. Um deles é José, que menciona o reconhecimento internacional da Independência do Brasil como o acontecimento a marcar a origem do que chamou de “Brasil político”. Vejamos duas dessas respostas, que remetem a origem do Brasil a acontecimentos diferentes:

“O momento em que o Brasil ‘começa a existir’ seria o momento em que se tornou independente, quando Dom Pedro I declarou a independência às margens do rio Ipiranga. A partir daí o Brasil passou realmente a ser conhecido como um país, antes era apenas uma área que foi descoberta pelos portugueses da qual se retirava riquezas como o Páu-Brasil.” (Mariana)

“O Brasil passa a existir de fato a partir do momento em que deixa de ser império de Portugal e passa a ser um país republicano. Em tese, o Brasil sempre existiu, o território o qual hoje chamamos de Brasil, sempre esteve aqui mas a questão é um pouco mais abstrata. Como pátria e como o ‘país Brasil’ ele passa a existir apenas depois da proclamação da república, antes disso era apenas um território dominado por outro país e que não tinha nada que lhe pertencesse. As riquezas eram de Portugal, as leis eram os Portugueses quem ditavam, a distribuição de terras era atribuído pelo Imperador, ou seja, aqui era apenas um território

Português. Em suma, o Brasil começa quando nasce a história do povo brasileiro autônomo e não mais como povo dominado.” (Sabrina)

Assim como Mariana, apenas mais uma aluna destacou a declaração de Independência como sendo o momento que marcava o começo do Brasil¹⁰. É interessante observar que apenas duas alunas de vinte e três (menos de 10%) consideram como “o começo do Brasil” o evento que marca simbolicamente a criação do Estado nacional brasileiro. Sabrina, por outro lado, destacou a proclamação da república, ainda que não fique exatamente claro na sua resposta o que ela está considerando como proclamação da república. Assim como ela, uma outra aluna identificou o mesmo acontecimento, mas apenas Sabrina (dentre todos os alunos) faz referência explícita a certa ideia de *soberania*: “... o Brasil começa quando nasce a história do povos brasileiro autônomo e não mais como povo dominado.”

A construção de ideias históricas cada vez mais complexas

A décima-sexta atividade realizada pelos alunos do segundo ano, nesta sequência, foi uma reescrita de suas respostas a essas atividades iniciais. O que foi proposto a eles segue textualmente reproduzido aqui:

¹⁰ E assim como Mariana, Thais também se refere às margens do Ipiranga, assunto ao qual voltaremos mais adiante: “O Brasil passa a existir quando Dom Pedro II da seu grito de Independência as margens do rio Ibiranga. Onde enfim o Brasil que na verdade nunca foi descoberto, afinal, querendo ou não a terra deste espaço (chamado hoje como Brasil) já existia, e tinha suas populações indígenas e etc. Teve enfim independência e outros países.”

nome: _____ data: _____

AUTOAVALIAÇÃO

Nas três primeiras atividades deste módulo, que estão todas nos saquinhos que você acaba de receber, você teve de se enfrentar com algumas questões importantes para o nosso estudo. Ainda antes de saber que estudaríamos o processo de independência do Brasil, foi a você perguntado se havia um momento em que o Brasil começava a existir.

Sua resposta foi esta, que você pode ler na atividade 1 (no saquinho).

De lá para cá, fizemos muitas atividades, entramos em contato com muitos materiais, visitamos um museu histórico, ouvimos uma palestra de um convidado, conhecemos melhor tanto os processos relativos à independência brasileira, quanto à independência de países vizinhos (notadamente o Paraguai) – e os riscos a essas independências.

Este é um momento importante para fazer um balanço do que você veio aprendendo. Diante de tudo isso que estudamos, gostaria de propor a você que considerasse responder à mesma questão do início deste módulo 2: **existe um momento em que o Brasil “começa a existir”? Que momento seria esse? Explique.**

Para fazer isto agora, no entanto, há algumas coisas que você precisará considerar. Além de usar a sua própria resposta à atividade 1 (concordando, discordando, reescrevendo-a, completando-a...), você precisará:

- relacionar o Brasil à América Portuguesa e os países nossos vizinhos à América Espanhola.
- diferenciar o que ocorreu na América Espanhola e o que ocorreu na América Portuguesa.
- fazer uso dos mapas distribuídos juntamente com esta ficha para agregar argumentos à sua explicação.

Bom trabalho!

O enunciado acima era seguido de uma página e meia com linhas nas quais os alunos poderiam registrar suas respostas.

As respostas transcritas a seguir nos permitem identificar diferentes aprendizagens em relação ao que foi trabalhado com os alunos ao longo dessa sequência didática. Especificamente, referimo-nos àquilo que eles optaram por *mudar* ou por *manter* em suas respostas iniciais. Também nos permitem verificar que todos os alunos, em alguma medida, se equivocam com algum acontecimento, processo ou conceito trabalhado. De qualquer forma, o fato de retornarem, no final dos estudos, a uma resposta dada em uma atividade no início da sequência, podendo revisá-la e ampliá-la de acordo com o que identificam que aprenderam e com as restrições colocadas pela tarefa, é uma situação privilegiada para que os professores possam avaliar as aprendizagens de seus alunos e planejar eventuais atividades de correção de rumos.

Parece-nos evidente que estes alunos, ao redigirem novamente suas respostas ao final da sequência, estavam *pensando* a História: fundamentalmente construindo ideias históricas cada vez mais complexas. Em si, este já é um dos objetivos fundamentais do curso do Sagarana.

1. Resposta de Ligia

“O Brasil passa a existir com este nome só à partir da sua independência, mas antes disso o território já existia desde antes a colonização, era terra de índios. O Brasil tem esta formação mais atual a menos tempo, mas tem um fato interessante de que ao contrário da América Espanhola, este se manteve uma unidade territorial enquanto a América Espanhola se dividiu em diversos países.

Para tornar-se Brasil, este teve que deixar de ser colônia de Portugal, fato ocorrido em 1822, porém só foi considerado independente pelas nações amigas após 1825. Para se tornar um país independente o Brasil teve que pagar à Portugal uma grande quantia de libras por ‘tirar’ um território dos Portugueses, esta quantia foi doada por um Britânico, fazendo com que o Brasil tivesse sua primeira dívida externa, daí nascia um país que não dependia de mais nenhum outro para ser guiado, outro fato importante é em 1824 quando este passa a ter sua própria constituição.

O fato que caracteriza o nome Brasil é quando em 1889 o Brasil se torna uma República Federativa Brasileira, mas antes deste fato muitos outros acontecimentos já haviam ocorrido para que Brasil fosse se caracterizando como país, isto começou em 1808 com a família da chegada real e a abertura dos portos para as nações amigas, que começava a retratar uma colônia cada vez mais independente.”

2. Resposta de Caio

“O momento que o Brasil começa a existir como nação depois da independência proclamada pelo D. Pedro I. Antes desse acontecimento não existia Brasil nação, mas o território que um dia vai ser chamado de Brasil já existia a muito tempo.

Com as grandes navegações Portugal e Espanha descobrem um novo continente que foi chamado de america em meados de 1500: depois disso a colonização desse novo território dando origem as ámericas espanholas e america portuguesa.

Com a revolução Francesa Napoleão rei da França começa a tomar toda a europa perseguindo os nobres dos outros países e matando eles, assim aconteceu ao rei espanhol. Depois de sua morte a família real portuguesa pensando em continuar vivos decidem vir para sua colônia o Brasil, na tentativa de escapar de Napoleão.

Com o rei da Espanha morto à América espanhola começou a se fragmentar em várias novas nações, uma a uma começou a se tornar livre do império espanhol, enquanto no Brasil onde a família Real estava localizada impediu que houvesse os movimentos populares para se tornarem livres, com o exército Real essas manifestações foram exterminadas mantendo a integridade territorial da nação.

Esses acontecimentos mantiveram o tamanho da nação até se tornar independente muitos anos depois em 1822. Depois dessa data a nação que conhecemos hoje consolidou-se como Brasil, antes disso era apenas uma colônia portuguesa, antes disso não era um território conhecido era apenas uma nova terra ser explorada.”

3. Resposta de Beatriz

“Discordo totalmente da minha resposta anterior, pois nela afirmo que o Brasil começa a existir com a chegada de Cabral e hoje sei que o Brasil começa a existir depois da declaração de independência.

No séc. XVI, o que os portugueses conheciam do território americano se limitava apenas a costa do que hoje vem a ser o nordeste brasileiro. Começando a exploração do território ainda no séc XVI, vemos no começo do século XVIII a América portuguesa consolidada em toda a região litorânea do que hoje é Brasil. Seguindo essa exploração, temos no começo do séc. XIX, uma América portuguesa bem parecida com o Brasil de hoje.

No entanto, por que não afirmamos que o Brasil começa a existir antes da independência?

Pois, o que aconteceu aqui onde encontra com o que aconteceu na América espanhola. Não havia unidade territorial. O que havia eram diversas províncias querendo independência isoladamente. Todavia, diferente do que ocorreu na América espanhola que deixou de ser colônia para se consolidar em diversos países, todas as tentativas dessas províncias foram frustradas pelo Império.

Além da força que o Império tinha mesmo com a corte em Portugal, a vinda da família real para o Brasil consolida a unidade territorial, dificultando assim esses movimentos isolados.

Mas o Brasil só começa a existir em 1822?

Como país independente de Portugal sim, mas o processo que possibilita isso, tem início em 1808, com a abertura dos portos feita por Dom João VI.”

4. Resposta de Tatiane

“Durante o período de 18 de Abril a 20 de Junho, o meu ponto de vista mudou sobre quando o Brasil ‘começa a existir’. Antes eu pensava, que o Brasil existira a partir da chegada dos portugueses em 1500, só que neste período não se tinha a percepção de ‘Brasil’ (era apenas um monte de terras, matos). Agora penso de outra forma, penso que o Brasil começa a existir a partir de 1808, foi quando pela 1ª vez a família real portuguesa veio ao Brasil, vieram fugidos de Napoleão. Quando D. João, príncipe de Portugal, veio ao Brasil junto com sua família, os olhos do mundo todo se voltaram para cá. E todos imaginaram ‘que país é esse’, todos manifestaram uma incrível curiosidade a respeito do Brasil.

Durante a sua estadia, D. João, construiu várias coisas, como por exemplo o Museu Belas Artes, o Banco do Brasil, escolas, parques etc.

O que consolidou D. João no poder foi a abertura dos portos, foi quando o Brasil passou a ter relações econômicas com reinos vizinhos, principalmente a Inglaterra. No meio do governo de D. João apareceu diversas insatisfações do meio popular, pois ele só favorecia os de alto classe social.

D. João e a família real ficaram aqui até 1821, mais antes de partir deixou seu filho, D. Pedro, ocupando o seu lugar. D. Pedro governou o Brasil até 7 de setembro de 1822, pois foi neste dia que o mesmo proclamou a Independência do Brasil a beira do riacho do Ipiranga.

Só que depois que o Brasil deixa de ser colônia de Portugal, ele ainda continua sendo um Império de um português (D. Pedro).

A vinda da família real, fez com que o Brasil não se dividisse em diversos países (por exemplo país Amazonas). Isso ocorreu com os países da América Espanhola, ela se dividiu em diversos pedaços (países).

A independência do Brasil foi passiva, não teve participação da população, nos países da América Espanhola aconteceu o contrário, houve bastante mortes e violência a extremo à procura da Independência dos seus respectivos países.

Após a Independência do Brasil, a escravidão não foi abolida, na América espanhola após a Independência ocorreu a abolição da escravatura.

A abolição da escravatura no Brasil só ocorreu em 1888.”

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (1983/1991).

BARCA Isabel. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em história. In: **Actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. n. 1. Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, 2001, pp. 29-43.

_____. **O Pensamento Histórico dos Jovens. Ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica**, 2000. 308 f. Tese (versão portuguesa da tese de doutoramento em Educação Histórica (*History in Education*) apresentada à Universidade de Londres). Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Braga, 2000.

BARCA, Isabel e GAGO Marília. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Vol 14, n. 1. Braga: Universidade do Minho, 2001, pp. 239-261.

CARRETERO, Mario. **Documentos de Identidad: la construcción de la memoria histórica en un mundo global**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

CARRETERO, Mario (et al.). **Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História**. Porto Alegre: Artmed, 1997 (1995).

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica – implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GASPAR NETO, Verlan Valle e SANTOS, Ricardo Ventura. A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre “Luzia”, um crânio pré-histórico do Brasil. In: **Revista Mana. Estudos de antropologia social**. Vol. 15, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, outubro de 2009, pp. 449-480.

LÉVESQUE, Stéphane. **Thinking Historically. Educating students for the twenty-first century**. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

LIMA, Maria. A expressão linguística dos saberes: aspectos da relação entre a aprendizagem da língua escrita e o desenvolvimento da consciência histórica. In: GONTIJO, Rebeca, MAGALHÃES, Marcelo e ROCHA, Helenice (orgs.). **A Escrita da História Escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, pp. 213-234.

LOIS, Carla. La Argentina a mano alzada. El sentido común geográfico y la imaginación gráfica en los mapas que dibujan los argentinos. In: HOLLMAN, Verónica e LOIS, Carla (coords.). **Geografía y Cultura Visual. Los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio**. Rosario: Prohistoria, 2013, pp. 167-189.

_____. La elocuencia de los mapas: um enfoque semiológico para el análisis de cartografías. In: **Documents D'Anàlisi Geogràfica**. n.36. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona / Universitat de Girona, 2000, pp. 93-109.

_____. “La patria es una e indivisible”. La cartografía histórica y los modos de narrar la historia territorial de la Argentina. In: **Terra Brasilis (Nova Série)**. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica. n.1, 2012. *Online*. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/138>>. Acesso em dezembro de 2013.

MORTON, Tom e SEIXAS, Peter. **The Big Six Historical Thinking Concepts**. Toronto: Nelson Education, 2013.

SEIXAS, Peter. Conceptualizing the growth of historical understanding. In: OLSON, David R e TORRANCE, Nancy (eds.). **The Handbook of Education and Human Development**. Oxford: Blackwell, 1996, pp. 765-783.

_____. Introduction. In: _____ (ed.). **Theorizing Historical Consciousness**. Toronto/Buffalo/Londres: University of Toronto Press, 2011 (2004), pp. 3 – 20.

SEIXAS, Peter, STEARNS, Peter N. e WINEBURG, Sam. Introduction. In: _____ (eds.) **Knowing, Teaching and Learning History. National and international perspectives**. Nova York: New York University Press and American Historical Association, 2000, pp. 1-13.

WINEBURG, Sam. **Historical Thinking and other Unnatural Acts. Charting the future of teaching the past**. Filadélfia: Temple University Press, 2001.